

ETNOCENTRISMO, IDENTIDADE E RESPEITO NOS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

LAIRTON DA SILVA OLIVEIRA¹; DENISE DALPIAZ ANTUNES²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPe) - Graduado em Ciências Sociais Licenciatura UFPEL. - lairtondasilvaoliveira@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas (UFPe) - Professora Adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas - drdenisedalpiaz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde o primeiro semestre do Curso de Ciências Sociais – Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas, mais especificamente, na disciplina de Antropologia, confirmei que o diferente, no sentido da diversidade humana encontrada nos ambientes educativos, deveria ser enfatizado e, conseqüentemente, poderia ser objeto de estudos nos processos de ensino e de aprendizagem.

Para compreender melhor o “diferente”, este artigo, através de três pesquisas realizadas, tem o objetivo geral de apresentar quais as relações, que os elementos **etnocentrismo**, **identidade** e **respeito** estabelecem entre professor e estudante, nos processos de ensino e de aprendizagem.

Em primeiro lugar, sobre **etnocentrismo**, apresentamos a ideia de Rocha (1988), a partir do livro “O que é Etnocentrismo” (1988), onde o autor afirma que o etnocentrismo trata do reforço do “eu”, do meu grupo sobre o “outro”, sobre o outro grupo, quando afirma que:

O grupo do “eu” faz, então, da sua visão a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do “outro” fica, nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível. Este processo resulta num considerável reforço da identidade do “nosso” grupo (Rocha, 1988, p. 5).

Num segundo momento, sobre **identidade**, utilizamos a obra: “A identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais / a produção social da identidade e da diferença” de Silva (2009). No capítulo “Pedagogia como diferença”, o próprio autor Silva, enfatiza que identidade:

é um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. (Silva, 2009, pg. 97,98).

Nesse sentido, de problema pedagógico, o mesmo autor aponta uma estratégia possível a ser implementada, a qual chama de “liberal” e consiste em:

estimular e cultivar os bons sentimentos e a boa vontade para com a chamada “diversidade cultural”. Neste caso, o pressuposto básico é o de que a “natureza” humana tem uma variedade de formas legítimas de se expressar culturalmente e todas devem ser respeitadas ou toleradas (Silva, 2009, p. 97,98).

No terceiro momento, ao pesquisar sobre **respeito**, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (2013), estabelecem no capítulo 2.3 - “Acesso e permanência para a conquista da qualidade social”, que para atender a qualidade social, há alguns requisitos, destacados no parágrafo II:

consideração sobre a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural, resgatando e respeitando os direitos humanos, individuais e coletivos e as várias manifestações de cada comunidade (Brasil, 2013, p. 22).

Também em relação ao **respeito**, destacamos que esse item foi analisado diretamente na produção de conhecimento de três estudantes, “A, G e L” inseridas em uma turma de Ensino Médio, de uma escola estadual no município de Pelotas/RS. Ao elencar a escrita das estudantes, afirmamos que **respeito** para elas:

é algo que se adquire primeiramente em casa, no convívio com a família. Trazendo isso para a escola, cria-se um ambiente saudável, e propício ao aprendizado, com harmonia e amizade (05.12.2013).

Sobretudo, **etnocentrismo**, **identidade** e **respeito**, se constituem nos processos de ensino e de aprendizagem, como categorias que podem tanto, *a priori*, quanto *a posteriori*, indicarem os caminhos percorridos por professores e por estudantes, no sentido das relações humanas que no ambiente educativo escolar, neste caso de estudo, são estabelecidas. Ou seja, cada sala de aula em suas diversidades e em suas adversidades, podem e devem compor um caminho à cidadania de modo conscientizado.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste artigo refere-se a um estudo bibliográfico estabelecido nas/pelas pesquisas realizadas em Rocha (1988) e a disciplina de Antropologia, durante a graduação em Ciências Sociais Licenciatura, acima destacado.

O mesmo estudo bibliográfico, também encontra subsídios em Silva (2009), sobre “identidade, diferença, o outro”, e os estudos realizados no PIBID-Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, em consonância com a UFPEl (Universidade Federal de Pelotas), numa escola da rede estadual, no município de Pelotas.

Ainda sobre **etnocentrismo**, **identidade** e **respeito**, mais especificamente sobre **respeito**, categoria deste estudo, utilizamos as análises da produção de conhecimento das estudantes “A, G e L” da turma de Ensino Médio, durante os estudos também realizados no PIBID, além dos estudos específicos acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica 2013, em seu capítulo 2.3.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa com as estudantes da turma de Ensino Médio, de uma escola estadual de Pelotas, sobre respeito, foi concluída, e os resultados obtidos até o presente momento, sobre quais relações que etnocentrismo, identidade, diferença, o outro e respeito, estabelecem entre professor e estudante, nos processos de ensino e de aprendizagem, serão a seguir apresentados.

O etnocentrismo em Rocha (1988) indica a tendência à destruição das relações entre professor e estudante e inviabilizar os processos de ensino e de aprendizagem, pois quando um deles representar o “eu”, “o meu grupo”, como o detentor da única visão possível, a melhor, a natural, a superior, a certa, reforçará sua identidade excluindo “o outro” “o grupo do outro”, tornando-o, engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível.

A identidade e diferença, para Silva (2009), detém uma relação problemática, que chama de problema pedagógico, porque há, na escola, interação do estudante com o outro diferente e porque o “outro” e a diferença devem ser objeto de estudo pedagógico e curricular.

Afirma ainda que deve haver estímulos, digo onde, nos processos de ensino e de aprendizagem, para bons sentimentos, respeito e tolerância à “natureza” humana, que tem uma variedade de formas legítimas, de se expressar culturalmente, o que ele chama de diversidade cultural.

O respeito, para as estudantes “A, G e L” da turma de Ensino Médio, aponta para uma relação de harmonia e amizade entre professor e estudante, criando um processo de ensino e de aprendizagem saudável e propício ao aprendizado.

O respeito para as Diretrizes da Educação Básica regula os direitos humanos, individuais e coletivos, a inclusão do diferente, a valorização da pluralidade, da diversidade cultural e das diferentes comunidades.

4. CONCLUSÕES

Diante do pesquisado e estudado, aqui apresentado, indica-se a percepção de que as ações/relações entre professor e estudante, que indicam **etnocentrismo**, não devem constituir-se como práticas estabelecidas nos processos de ensino e de aprendizagem. Ou seja, métodos e/ou práticas pedagógicas que indicarem a superioridade, por exemplo, de uma pessoa sobre a outra a tornando superior, reforçará a exclusão de outrem.

Quanto às questões de **identidade**, cada espaço educativo, neste caso, institucionalizado, deve contemplar a diferença, na adversidade. Para tanto, são necessárias práticas de ensino que enfatize e estimule os bons sentimentos, num sentido mais amplo de tolerância à diversidade cultural.

Ainda, são necessárias destacadamente, as relações onde o **respeito** possa estabelecer ações de modo harmônico, ou melhor, que gere amizade, um ambiente saudável propício ao aprendizado, com a possibilidade de regulação dos direitos humanos, individuais, coletivos, com vistas à inclusão do diferente, à valorização da pluralidade, da diversidade cultural e das diferentes comunidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação. Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Acessado em 28 Jul. 2014. Online. Disponível em: https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&rlz=1C1VASU_enBR573BR573&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Diretrizes%20Curriculares%20Nacionais%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica%202013%20brasil

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **Biografia**. Acessado em 28 Jul. 2014. Online. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4783597E0>

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é Etnocentrismo**. 1ª edição 1984. 5ª edição. Editora brasiliense. 1988.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Biografia**. Acessado em 28 Jul. 2014. Online. Disponível em: <http://educacao-e-tecnologias.blogspot.com.br/2008/12/saiba-um-pouco-sobre-tomaz-da-silva.html>

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 97.